



Volume III, número 1, jan-jun, 2022, pág. 243- 269

Ser-LGBTAI+ as reminiscências de vida: para além do preconceito e da discriminação

Being-LGBTAI+ and the reminiscences of life: beyond prejudice and discrimination

Janderson Costa Meira

Camille Façanha

Elisabete Gonçalves da Silva

Milena Cecília Barroso Fernandes

Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

Membros do movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT+) relatam continuamente situações em que são execrados, violentados sob várias formas, marginalizados por pessoas que não conseguem conviver com a diversidade, inclusive relatos de familiares e membros de instituições religiosas. Concomitante a este fato, essas pessoas conseguem realizar o enfrentamento dessa dura realidade, entretanto, é escassa a literatura no que diz respeito a esse modo de ser diante da opressão e da violência, o que já caracteriza a relevância de um projeto com esta acepção. Assim, o objetivo deste estudo foi compreender o processo de enfrentamento e superação de situações homofóbicas por membros do movimento LGBT+ em Manaus, sob o viés da fenomenologia de Martin Heidegger. O viés de pesquisa é o qualitativo, com característica descritiva e exploratória. O método utilizado é o fenomenológico-psicológico e a obtenção de dados através da entrevista fenomenológica áudio gravada que partiu de uma questão norteadora que após transcrita e analisada originou quatro categorias: 1) **A descoberta de quem sou eu:** a im-possibilidade manifesta; 2) **Preconceito e discriminação:** sentidos da vivência em seus desdobramentos; 3) **O enfrentamento que me permite dizer, superei:** o olhar de hoje sobre o ontem; 4) **A você que está vivendo o preconceito e a discriminação: meu legado.** Conclui-se que vários são os desafios que os participantes vivenciaram, entretanto, o enfrentamento do preconceito possibilitou que lancem o olhar sobre si mesmos e tomem para si a responsabilidade de seu existir, inclusive chamando a atenção para esse fato aos que estão vivenciando situações dessa natureza.

Palavras-chave: Homofobia; enfrentamento; superação; LGBTIA+; Psicologia fenomenológico-existencial

Abstract

Members of the Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender (LGBT+) movement continually report situations in which they are execrated, violated in various ways, marginalized by people who cannot live with diversity, including reports from family members and members of religious institutions. Concomitant to



this fact, these people are able to face this harsh reality, however, there is little literature regarding this way of being in the face of oppression and violence, which already characterizes the relevance of a project with this meaning. Thus, the aim of this study was to understand the process of coping with and overcoming homophobic situations by members of the LGBT+ movement in Manaus, under the perspective of Martin Heidegger's phenomenology. The research bias is qualitative, with descriptive and exploratory characteristics. The method used is the phenomenological-psychological and data collection through audio recorded phenomenological interview that started from a guiding question that after transcribed and analyzed gave rise to four categories: 1) The discovery of who I am: the manifest im-possibility; 2) Prejudice and discrimination: meanings of the experience in its consequences; 3) The confrontation that allows me to say, I have overcome: today's look at yesterday; 4) To you who are experiencing prejudice and discrimination: my legacy. It is concluded that there are several challenges that the participants experienced, however, the confrontation of prejudice made it possible for them to look over themselves and take the responsibility of their existence for themselves, including drawing attention to this fact to those who are experiencing situations of this nature.

Keywords: Homophobia; coping; resilience; LGBTIA+; Phenomenological-Existential Psychology

Introdução

A contemporaneidade tem sido caracterizada como um período da humanidade em que o diferente, a diversidade de uma forma geral tem merecido um olhar mais profundo da ciência e da própria sociedade. Um desses grupos é o que diz respeito aos participantes do movimento LGBTI+ em todo o mundo.

Essa sigla é literalmente traduzida como Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros e Intersexo, o sinal + significa que, no que concerne a identidade de gênero, outros elementos vêm somar a estes. A Organização Mundial de Saúde (Who, 2018) retira da condição de "doentes" todos os que experienciam a diversidade no que concerne à sexualidade. Assim, identidade é um constructo tomado, nos dias atuais, como estruturante dos nossos modos de ser, organizadora de nossas experiências de mundo, nada mais representa do que o aprisionamento do existir humano dentro de categorias previamente dadas. Identidades, como diz Trzán-Ávila (2019, p. 56) "se estruturam por hierarquias, ocultamentos e até mesmo aniquilação dos modos de ser desviantes das normatizações".

Contudo, um paradoxo pode ser observado no que diz respeito a identidade de gênero: ao mesmo tempo em que nosso mundo atribui uma determinada identidade de gênero, esse mundo também é condição de possibilidade para que outras identidades ou



"não identidade" se dê (Trzán-Ávila, 2019, p.57). Dessa forma, algumas questões já se tornam necessárias de reflexão: O que a diversidade de identidade de gênero tem provocado atualmente?

As pessoas que 'desviam' da norma de gênero instituída hegemonicamente são levadas à conta de aberrações, inclusive por segmentos de vários saberes. E a quem transgredir, as punições sociais são evidenciadas, das correções cirúrgicas à criminalização, passando pela patologização, assédio moral, dificuldades em obter e manter emprego, violência e aniquilamento. Assim, os homossexuais têm sido vítimas de ações homofóbicas que reverberam em nossa sociedade heteronormativa, considerando-os como antinaturais, doentes, desajustados, aberrações.

A vivência da sexualidade tem sido considerada tabu no desenvolvimento da humanidade. Desde tempos imemoriais até a contemporaneidade, o silêncio tem sido o maior de todos os aspectos quando se trata desse elemento tão humano, tão pessoal e por isso, tão individual e, dado a isso, merece o respeito de todos os que estão no entorno (Cabral, 2018).

Entretanto, pessoas do movimento em epígrafe, que sofreram essas situações na própria pele, realizaram, à época na qual as situações de homofobia e transfobia ocorreram, experiências de enfrentamento e seguiram adiante em sua construção histórica. Hoje, ao olhar para trás, conseguem perceber que superaram as situações de violência resultantes do preconceito e da discriminação.

Problematizamos, enfim, a partir das seguintes questões: a) como pessoas da comunidade LGBTQIA+ enfrentaram as situações de homofobia e violência devido a sua identidade de gênero? b) Como é olhar para trás e verificar que conseguiram superar situações dessa natureza?

Tivemos como **objetivo** compreender o processo de enfrentamento e superação de situações homofóbicas por membros do movimento LGBTQIA+ em Manaus, sob o viés da fenomenologia de Martin Heidegger. Assim, priorizamos na metodologia o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia.



Movimento LGBTQIA+

A matéria de Soares (2018) e a de Ferraz (2017) publicadas nos sites “Revista Momento” e “Politize!”, respectivamente, realizam abordagens sócio-históricas a respeito da origem da causa LGBTQIA+. No dia 28 de junho de 1969, iniciou-se uma revolta que traria a tona os grupos de pessoas que nenhum heterossexual da época desejava lembrar que existiam: os homossexuais, transexuais, drag queens, entre outros, no bar Stonewall, em Nova York.

Todavia, nas décadas que se sucederam, a comunidade permanece sendo analisada por um viés equivocado e injuriada pela perspectiva cultural enraizada de que essas pessoas seriam um problema ao componente social, remetendo à época da Revolta de Stonewall. E, como Sampaio & Germano (2014) bem ressaltam, ser homossexual era considerado uma doença psiquiátrica até meados de 1973; e com a descoberta e o surto da AIDS na década de 1980 houve uma repatologização a respeito do que significava pertencer à comunidade LGBTQIA+ (Toledo & Pinafi, 2012). Tal condição não traz malefícios apenas ao psicológico dos indivíduos, mas de igual forma ao seu bem-estar fisiológico; uma vez que grande parte dos profissionais da saúde compreende a população homofóbica e recusa-se a atender pessoas da comunidade LGBTQIA+ com a mesma qualidade e atenção aplicada aos cidadãos pertencentes aos padrões comportamentais instaurados.

Preconceito e discriminação

A homofobia caracteriza um tipo de preconceito em relação às pessoas que possuem relações homo afetivas, sejam entre homens ou mulheres. Do grego, a palavra homofobia é formada pelos termos “homo” (semelhante, igual) e “fobia” (medo, aversão), que significa aversão às relações semelhantes. O termo homofobia foi empregado pela primeira vez em 1971, pelo psicólogo nova-iorquino George Weinberg em sua obra intitulada “Sociedade e a Saúde Homossexual” (1972), na qual afirma que as pessoas que alimentam a homofobia possuem problemas psicológicos, propondo, dentre outras medidas, a retirada do termo “homossexualidade” da lista de doenças. Basicamente



consiste na aversão, ódio a pessoas que optam por ter relações homossexuais ou que de qualquer forma tenha uma orientação diferente da que é aceita pelo seio da sociedade, seria o homossexual visto como anormal ou inferior em relação aos heterossexuais (Quintão & Carvalho, 2012)

Costa (2012) revela que esse tipo de violência é didaticamente conceituado e classificado. Definida como homofobia o modo de agir que inferioriza, desumaniza, diferencia e distancia o indivíduo homossexual de forma semelhante a outras formas de exclusão como percebido na xenofobia, o racismo, o antissemitismo ou o sexismo. É um fenômeno complexo, invisível, cotidiano e compartilhado. Coloca o indivíduo no lugar de quem não se deve identificar e não tem, conseqüentemente, plenos direitos. A homofobia baliza fronteiras sexuais, gênero, colocando todos os indivíduos que não pertencem à ordem clássica dos gêneros, vítimas da violência homofóbica.

Uma das maiores autoridades acerca desta temática, Butler (2017) ressalta que os homossexuais são atacados consideravelmente por atos e ações de homofobia que os apontam desde antinaturais até aberrações, passando por doentes e desajustados, afirmações essas que ainda na atualidade encontrem respaldo no saber e na prática de alguns psicólogos no Brasil.

Consequências psicológicas da homofobia

A população LGBT está vulnerável no que diz respeito aos seus direitos humanos como cidadãos, não apenas no âmbito familiar, mas em todas as áreas de suas vidas. Segundo Kalume, Itaborahy e Moreira (2016) A vulnerabilidade social no Brasil permeia desde as suas diferenças de classes, como gênero, etnia, posição econômica, política entre outros; e para comunidade LGBT não é diferente, desenvolvendo consequências psicológicas graves.

Uma das autoras mais consistentes no que se refere a gênero, Simone de Beauvoir na sua obra *O Segundo Sexo* (2016) referia-se no início de seu texto que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p.7), ou seja, gênero é construído e, dessa forma, ao apropriar-



se dessa construção de gênero poderia, a princípio, “assumir algum outro que não aquele para onde se destinou” (Trzán-Ávila, 2019, p. 67)

No contexto de consequências psicológicas encontramos variados pontos que devem ser considerados, uma vez que, em virtude à violência há o auto silenciamento, o isolamento, a negação de si mesmo enquanto pessoa, o ensimesmamento, medo diante do discurso de ódio que lhe é direcionado, sentir-se marginalizado pela não utilização do nome social, causando estranheza e desolação.

As violências se apresentam de diferentes formas, sejam físicas, negligência social, violência de gênero, abuso sexual, violência psicológica, violência urbana e institucional, de estado entre outros. A sociedade não considera homossexuais como iguais, portanto, sofrer e pensar neles é “inútil”, como pensar e lutar contra a homofobia se não considero um homossexual como igual? As consequências são potencialmente lamentáveis, agravando os sentimentos de culpa, de solidão e depressão, e variam de indivíduo para indivíduo. O que se faz necessário entender é que a democracia, na prática, não abrange a comunidade LGBT, que conseqüentemente é atacada por ações homofóbicas. Causando nesses indivíduos, dor, medo, angústia, levando-os a atos relacionados muitas vezes a drogas, e até mesmo ao suicídio. Segundo Tzran-Ávila. (2019), existem delimitações: “o que pode ser”, “o que não deveria ser, mas ainda encontra espaço de ser” e “o que não pode ser”; todas são atingidas por alguma forma de opressão e violência, porem a última evidencia exclusão, invisibilidade, vulnerabilidade e preconceito.

Enfrentamento e Superação

A história do humano é permeada por uma série de situações que, *a pari passu*, propiciam mergulho no sofrimento e na dor oriundos do externo. Neste caso, vemos o experienciar de atitudes de preconceito e discriminação relacionados à diversidade sexual e ao gênero, caracterizadamente homofobia e transfobia.

Esses momentos, vivenciados sob extremada angústia, representam experiência em que esse outro é lançado em verdadeiro turbilhão emocional e, muitas vezes físico, haja vista que, a violência é impetrada contra membros da comunidade LGBTQIA+



provocando lesões físicas que, maioria das vezes, doem menos que as dores psicológicas resultantes da agressão.

Sonetti & Garcia (2020) em seu estudo acerca da escola e a diversidade sexual e de gênero, asseveram que a heteronormatividade tem sido afirmada e reafirmada através de aprovações de leis que desconsideram a identidade de gênero e de medidas que reforçam o preconceito e discriminação em torno de diversas formas de expressão da sexualidade e gênero. Esse desrespeito e as diferentes formas de violências dele advindas são desfavoráveis à saúde mental e física de pessoas que não se enquadram na cisheteronormatividade, fazendo então da escola um ambiente potencialmente lesivo a alunos e funcionários LGBTQIA+. Ao mesmo tempo, há a possibilidade de a escola exercer um papel protetivo, ao promover o debate e educação sobre sexualidade, o que tem sido pauta de movimentos sociais ao reivindicarem mudanças nas leis e diminuição da influência do conservadorismo presente no meio político.

Costa *et al* (2013) ressaltam que pessoas LGBT têm vivenciado situações de vulnerabilidade social em virtude de não experienciar o padrão heteronormativo vigente em nossa sociedade e daí, passam a sofrer represálias – algumas subliminares – até violências físicas e emocionais. Situações essas permeadas pelo desqualificar o outro, considerando-o inferior ou anormal, fora do universo dos humanos; além de um conjunto negativo de emoções, tais como: aversão, desprezo, desconfiança, desconforto ou medo, constituindo-se, assim, em fenômeno social relacionado a discriminação, preconceito e violência contra a população LGBTQIA+ (Borrillo, 2010; Junqueira, 2009; Monteiro, Machado & Nardi, 2011).

Estudo realizado por Herrick, Stall, Chmiel et al (2013) com 1.541 homens gays e bissexuais, cujo foco foi a resiliência através do IHPO (resolução de homofobia internalizada) ao longo do curso da vida e suas associações com os resultados atuais de saúde, concluem que compreender as resiliências e incorporá-las às intervenções pode ajudar a promover saúde e o bem-estar entre homens gays e bissexuais.

Outra pesquisa, realizada por D'haese, Dewaele & Van Houtte (2016) acerca de como lésbicas, gays e bissexuais lidam com a violência de forma limitada. E o estudo em



questão enfocou a evitação, o coping orientado para o problema e o coping orientado para a emoção como estilos gerais de enfrentamento. Chama a atenção para o fato de que o gerenciamento da visibilidade é utilizado como estratégia de enfrentamento que pode ser aplicada em um contexto heteronormativo. Colaboraram com o estudo 1402 lésbicas, gays e bissexuais flamengos. Mostram que os estilos de enfrentamento e gerenciamento de visibilidade têm um efeito direto na saúde mental.

Fenomenologia de Martin Heidegger

Em "Ser e Tempo", Heidegger (2013) faz uma abordagem, a partir do método fenomenológico, sobre a questão do Ser, de onde faz seu ponto de partida. Através do próprio homem, o filósofo aponta que esse é o caminho pelo qual o Ser se dá a conhecer. A solidão do homem propicia o interrogar-se a si mesmo, colocando-se como centro da questão e, assim refletindo sobre ele mesmo, é quando o Ser se mostra, o ser se des-vela. Desvendar o ser em si mesmo, partindo da existência humana (*Dasein – Ser-aí*) é o objetivo da reflexão filosófica deste autor.

Heidegger (2013) apresenta ainda outro termo: preocupação. A preocupação remete ao ser como co-presença dos outros no encontro que se realiza no mundo das relações. Também designado como solicitude, pode apresentar-se autêntica ou inautenticamente. Inautêntica quando domina e faz do outro dependente, realizando as suas escolhas por ele, caracterizando um “saltar sobre o outro”. Autêntica, quando possibilita o processo de crescimento do Ser, não o substitui, caracterizando um “saltar diante do outro”, possibilitando ao outro ser ele mesmo. Distingue o tempo como uma questão a ser considerada. Na temporalidade existe a dimensão que, no pensamento heideggeriano, é fundamental da existência humana, uma vez que é aí que o *Dasein* encontra condição de realização em suas possibilidades de vir-a-ser (Castro, 2009; 2017;2020).

O ser humano ao ser lançado no mundo, sem a sua participação, “nu”, torna-se a própria angústia. O *Dasein*, o próprio ser do sujeito existente, conforme Heidegger (2013)



é o objeto sobre o qual recai a inquietação. Esse *estar-aí* concreto, singular e inacabado, instável, tem consciência de que pode ser sempre mais, que é potência, aristotelicamente falando, mas que não basta a si mesmo. Não é ato. É projeto, possibilidade, salto no abismo, angustia-se. Na angústia se está estranho. Eis a *pre-sença* na angústia. A tempestade do ser (Castro, 2009; 2017; Pereira & Castro, 2019; Soares & Castro, 2020; Silva & Castro, 2020).

Um ponto fundamental em Heidegger (2013) é no que se refere ao cuidado como constituindo a própria dimensão do ser da *pre-sença*, o pôr-se para fora: é o *ec-sistir*, movimento do existir. O cuidado - como processo de constituição da *pre-sença* - se dá no acontecer, isto é, no tempo. Cuidar constitui-se no exercício da pre-ocupação com o acontecer. O cuidado constitui-se no movimento do existir, na abertura do ser do ente.

Material e Métodos

Tipo de pesquisa

Esta pesquisa é sob o viés qualitativo e se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser mensurados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (Fonseca, 2002; Minayo, 2014).

Método

O método fenomenológico de pesquisa em Psicologia segue o conceito epistemológico de consciência intencional e tem por critério fundamental a busca, tanto quanto possível, da obtenção de descrições detalhadas e concretas das experiências dos participantes (Giorgi & Souza, 2010).

Instrumento da pesquisa

A entrevista, de domínio fenomenológico, áudio gravada, utilizada enquanto instrumental nesta pesquisa científica, deu-se a partir de uma questão norteadora-disparadora da conversação, que apresentou aberturas e desdobramentos, permitindo aprofundamentos na investigação, de modo que procedeu-se às descrições.

Assim, a seguinte questão fora utilizada enquanto disparadora para a investigação: **“Gostaria que você falasse sobre situações de preconceito e discriminação que sofreu devido a sua orientação sexual. O que pensou? Como se sentiu?”.**

Procedimentos

Após a obtenção de aprovação no Comitê de ética (CAEE 40088620.8.0000.5020) aprovado em 17.02.2021). Em seguida, foi apresentado aos prováveis participantes a importância de sua participação na pesquisa e o acordo estabelecido por meio da assinatura do TCLE por ambas as partes, assegurando a idoneidade da pesquisa e seu compromisso com a relevância social, acadêmica e com os próprios participantes.

Análise dos Dados a partir do Método Fenomenológico Psicológico de Giorgi

1º Passo: *Estabelecer o sentido do todo:* após a transcrição, o primeiro, e único, objetivo é apreender o sentido geral do protocolo. Nesta fase, o investigador pretende apenas ler calmamente a transcrição completa da entrevista, onde o investigador coloca-se na atitude de redução fenomenológica. Não pretende focar-se em partes fundamentais, não coloca hipóteses interpretativas, apenas, ter uma compreensão geral das descrições realizadas pelo sujeito. Aqui, o objetivo principal é obter um sentido da experiência na sua globalidade.

2º Passo: *Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado:* o investigador retoma a leitura do protocolo, com um segundo objetivo: dividi-lo em partes mais pequenas. A divisão tem um intuito eminentemente prático. A divisão em partes, denominadas Unidades de Significado, permite uma análise mais aprofundada. Como o objetivo é realizar uma análise psicológica e como a finalidade última da análise é explicitar significados, usa-se esse tipo de análise como critério de transição de sentido para a constituição das partes (unidades de significado).

3º Passo: *Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico:* a linguagem cotidiana da atitude natural dos participantes sofre transformação. A partir da aplicabilidade da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética, a linguagem de senso comum é transformada em expressões que têm como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelos participantes. O objetivo do método é selecionar e articular o sentido psicológico da vivência dos participantes em relação ao objeto da investigação. Mantendo a linguagem descritiva, o investigador deverá ser capaz de expressar e trazer à luz significados psicológicos, que estão implícitos nas descrições originais dos sujeitos. É também nesse

momento que a inter-relação entre as partes e o todo sobressai como instrumento metodológico.

4º Passo: *Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos:* o pesquisador, fazendo uso da variação livre imaginativa, transforma as unidades de significado em uma estrutura descritiva geral. A descrição dos sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas unidades de significado, assim como das relações que existem entre estes últimos, resulta na elaboração de uma estrutura geral. O importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial das relações entre as partes, de modo a que o significado psicológico total possa sobressair-se. O passo final do método envolve uma síntese das unidades de significado psicológico. Essa etapa corresponde ao que Martins & Bicudo (2005); Castro (2009); Pereira & Castro (2017) caracterizam como a elaboração das Categorias Temáticas, que representam a síntese das unidades de significado.

Participantes

Foram considerados, primeiramente, vinte sujeitos homossexuais enquanto participantes da pesquisa, entretanto, cabe-nos esclarecer que os dados obtidos e demonstrados nesta pesquisa evidenciam cinco participantes homossexuais que atenderam aos critérios estabelecidos, uma vez que foram os que responderam afirmativamente à participação voluntária na pesquisa e que devido à pandemia de COVID-19, encontramos dificuldades nessa seleção para que atingisse o número proposto no projeto.

Quadro 1 – Participantes da pesquisa

Pseudônimo	Idade	Religião	Estado civil	Formação
Magnólia	32	Candomblecista	Casado	Psicologia
Madressilva	18	Evangélico	Solteiro	Ensino Médio
Lírio	19	Evangélica	Solteiro	Ensino Médio
Girassol	28	Evangélico	Casado	Psicologia
Papoula	32	Católico	Solteiro	Psicologia

Fonte: Entrevistas

Resultados e Discussão

A partir deste momento, segue-se, metodologicamente, à luz da fenomenologia heideggeriana, as análises descritivas dos dados obtidos quando da pesquisa em campo,



categorizando-se sistematicamente e reproduzindo excertos, na íntegra, das conversações entre pesquisadores e participantes, passando-se após para as considerações teóricas do autor. Seguindo, embasado no que a metodologia proposta apresenta, trago as categorias temáticas resultado do primeiro momento de análise, conforme pressupõe Pereira & Castro (2019) e Giorgi & Souza (2010). Assim, foram elaboradas cinco categorias e algumas delas apresentando subcategorias, apresentadas a partir deste momento, assim como o olhar da fenomenologia heideggeriana:

1. A descoberta de quem sou eu: a im-possibilidade manifesta

Um dos pontos mais significativos na vida de uma pessoa é, sem dúvida, o momento em que percebe a dimensão de sua sexualidade no que tange à orientação sexual. O experienciar torna-se pluridimensional, tendo em vista que, atinge não apenas o individual, mas o coletivo e conseqüentemente, o relacional. Com isso, os discursos trazem o quão esse instante é algo representativo, importante, de significação inimaginável.

1.1 As várias nuances do existir: ser-quem-sou!

Esta subcategoria expressa o olhar de nossos participantes sobre si mesmos e a certeza – ou quase em alguns discursos – de sua orientação sexual e de como gostariam de caminhar. Iniciam, neste momento, o que consideramos uma imersão neles próprios e em seu existir. A abertura ao mundo e à vida tem aí seus parâmetros iniciais.

Mas eu tive muitas namoradas, sempre fui muito namorador, sempre preferi namorar, na igreja e fora dela, então eu nunca tinha me relacionado com nenhum cara, com nenhum homem e tudo mais [...], e aí eu fui levando [...], eu sempre me relacionei com muitas mulheres, é, e até então tudo bem com isso porque eu também gostava, tanto que hoje eu me reconheço como bissexual, por exemplo, então eu não desmereço as mulheres que eu namorei, eu as amei de verdade, eu noivei inclusive com uma, então seria [...] muito incoerente pra mim falar que elas não significaram nada pra mim, entendeu, então pra mim, de fato, eu gostei demais delas, algumas eu amei, algumas eu falo até hoje inclusive bem, respeita a minha família também, então isso é realmente uma coisa que a gente [...] é bem resolvido,



por mim pelo menos, sabe? [...] Mas aí, eu acho que a minha bissexualidade ela veio, tipo [...], veio à tona na época que eu tava na faculdade de psicologia, porque até então, depois que eu saí do ensino médio (**Girassol**, 28 anos)

E aí eu comecei a entender e a entender e eu realmente achei que eu era. Mas é[...] ao mesmo tempo é, eu tinha o sentimento de que eu achava que era só passageiro, não era algo, assim, que realmente me incomodava e, na verdade, eu, na verdade, eu fui começando a entender que na verdade não era eu estar num corpo de mulher e na verdade gostar de mulheres. Então foi todo um processo, eu passei muito tempo achando que eu realmente nasci no corpo errado, mas na verdade não. (**Lírio**, 19 anos)

E o meu processo foi... foi esquisito, porque, assim, eu já sabia, com relação a mim eu nunca tive dúvidas, nem precisei tirar a dúvida em algum momento, hã, mas quando a minha família soube de mim foi através de fotos, é, minhas com, assim, eu tinha viajado com um namorado, e aí a gente tinha feito fotos, né, de casal juntos e tudo, mas eu guardava tudo muito bem guardadinho. E aí um belo dia eu emprestei meu laptop pra uma das minhas cunhadas trabalhar, ela usou e viu as fotos, e ela um tanto chocada foi perguntar do meu irmão se ele sabia algo de mim, e aí ela mostrou as fotos. Então eu nunca tive a chance de poder dizer que eu era gay, eles foram informados da minha sexualidade através disso [...], e aí foi um tanto abrupto, eu soube depois (**Magnólia**, 32 anos)

quando chegou na nos treze anos que eu comecei a sentir a puberdade vindo, gritando, aí veio-, veio gritante mesmo, tão gritante que eu não conseguia controlar, e eu só sabia a única pessoa que- que ia retribuir [...], e aí eu fui atrás dele, já com interesse. E aí foi quando ele começou a [...] escondidos, e aí eu comecei a lembrar de quando eu era criança, com treze anos, dos caras adultos, e aí eu comecei a ter interesse por adultos [...] que me olhavam, me cercavam, eu percebia naquele momento que [...] com treze anos eu lembrava- das minhas lembranças que eram muito fortes na minha cabeça, eu lembrava do, do assédio, de homens adultos olhando pra mim, era muito grande, casados principalmente. Então, porra, “se eles



me desejaram quando eu tinha oito anos, agora eles vão querer também, por que não?”, e eu comecei a me insinuar, eu ia tomar banho sem cueca pra ver se olhavam [...], e aí nisso eu tive meio que casos com alguns caras casados ali adultos já [...] (Papoula, 32 anos)

1.2 **Preciso esconder-me:** não posso ser quem sou

Entretanto, mostrar-se como quem é, significa, também, vivenciar a possibilidade do provável sofrimento oriundo do outro que caminha comigo diariamente. O receio do olhar do outro e o que este pode traduzir em mim mesmo dada minha vivência anterior, impossibilitam o assumir quem sou, impossibilitam de ser eu mesmo. E esse olhar para si a partir do olhar que lanço sobre o olhar do outro, manifesta-se:

A não-liberdade de ser eu-mesmo

eu já tinha [...] alguma experiência, mas era muito com, assim, aquele medo, sabe, aquela coisa assim de “acho que isso não é certo”, “acho que não é por aí”, eu tentava entender melhor e eu via isso como uma deficiência da minha conduta, porque na igreja, como eu te falei, eu era muito envolvido, então a gente sempre foi ensinado de que isso era uma coisa muito errada, “isso é pecado”, não sei o quê, e tudo mais. E isso pra mim sempre foi um tabu, eu não tinha liberdade pra falar disso em casa, não tinha liberdade pra falar disso com ninguém (Girassol, 28 anos)

A repressão pelo receio do olhar da família

Até porque como eu disse, né, é, na minha família, num, é, não foi explicado isso. Então eu achei que realmente só existia isso e aquilo, isso e aquilo. E depois, com o passar do tempo que eu comecei a entender e por a minha amiga ser também, é, na verdade ela é lésbica, mas, é, na época ela também tava nesse processo. A gente foi aprendendo juntos que na verdade não é só ser homem e mulher e gostar de homem e mulher, sabe. Tem outras possibilidades também. [...] Na verdade não, eu tenho interesse em mulheres e já quis ter, é, ter uma relação de afeto com elas, mas que eu reprimo por conta da minha família. Então, é, hoje não me incomoda porque, entre



muitas aspas, eu prefiro, vamos dizer assim, o sexo masculino, mas pela realmente por causa da minha família (**Lírio**, 19 anos).

Aquilo era dado como algo do inferno, por conta da religião, assim [...]. Eu lembro de uma história da minha mãe contando quando eu era pequeno, que ela nunca tinha visto um gay na vida dela, no dia que ela viu ela achou que o mundo ia acabar [...]. Então, pra ela, ela não conseguia, é, identificar, ela não separava homossexualidade da transsexualidade, do travesti, ela não sabia [...] o olhar de discriminação e preconceito [...], eu senti [...], na infância, eu sentia- eu sempre sentia, mas eu me esquivava [...], eu senti muito na infância, eu era uma criança viada, ali eu sentia. E na adolescência eu consegui me esquivar por conta dos amigos [...], é, só pra ti ter ideia, uma tia minha, quando a mamãe conversou com ela que eu queria sair de Tonantins, ela dizia, não pra minha mãe, pras amigas dela, que eu queria sair de Tonantins pra mim virar mulher (**Papoula**, 32 anos).

Esta categoria nos traz dois elementos que consideramos fundamental a partir da teoria heideggeriana, a busca do ser-si-mesmo, a compreensão, a disposição e o afeto e, por outro lado, a inautenticidade, a impessoalidade ou decadência. Estudos como de Gerber & O'hara (2019); Sampaio & Germano (2015); Blais, Goyer & Hébert (2015) consideram em seus estudos o mesmo que encontramos nesta pesquisa.

Heidegger (2013) revela que a cada dia buscamos ser nós próprios na relação que estabelecemos com o entorno social. Inicialmente, as falas permitem que infiramos acerca de que na primeira subcategoria os participantes revelam o momento em que tomaram para si mesmos sua orientação sexual e percebem a dimensão do ser-gay e suas consequências, daí dispõem a ser eles próprios, redimensionam o afeto por si mesmos e resolvem seguir adiante em seu caminhar.

Lírio e Papoula a seu turno, mostram em seus discursos outro aspecto, o da necessidade de esconderem e poderíamos dizer, negar-se a si mesmos, dado o diapasão de dificuldades encontradas em suas configurações familiares no que tange à orientação sexual. A esse movimento do *ser-no-mundo*, a teoria heideggeriana aponta como sendo um movimento inautêntico em que esse outro para não ser tragado pelo turbilhão oriundo



do outro, não se permite ser ele mesmo, vivenciando a decadência ou impessoalidade, ou seja, ele não pode ser quem é.

2. Preconceito e discriminação: sentidos da vivência em seus desdobramentos

O olhar do outro se torna estranho e me faz sentir estranho. E o que deveria estar ao meu lado, afasta-se, marginaliza-me, coloca-me em cheque causando dor e sofrimento contínuos. Esse outro que deveria estar caminhando junto a mim torna-se algoz, mesmo sendo de meu círculo de crença, mesmo sendo meu familiar.

2.1 E em meu locus de crença, o olhar que causa dor e sofrimento

Os vários segmentos religiosos nos quais nossos participantes foram educados, sendo a maioria evangélicos, ao perceberem a diversidade na orientação sexual dos colaboradores deste estudo, zombavam, buscavam ser “tolerantes”, emitiam juízo de valor. E, nesse ínterim, a dor existencial torna-se manifesta.

Você pode vir aqui na igreja congregada de uma certa forma, mas, é, não escolhas, né, e a gente tem que tá preparado pra elas” [...] então eu sofri muito preconceito pela parte da igreja, porque muitas pessoas caçoavam de mim, eles zombavam de mim, falavam, até hoje, assim, e eu acho que se duvidar, eu mantive eles de perto, eu mantive as pessoas mais próximas de mim que são saudáveis, mas eu tenho certeza absoluta que tem pessoas que são curiosas pra saber como é que é meu estilo de vida hoje em dia, sabe? [...] (**Girassol**, 28 anos)

Sim, e eu vejo que é uma coisa passivo-agressiva, as pessoas não gostam, lá eu senti que não gostavam, mas me toleravam, porque eu era trabalhador, porque eu trabalhava com evangelização de crianças, as crianças me adoravam [...]. (**Magnólia**, 32 anos)

desde quando eu nasci eu sou da igreja, então o preconceito era muito maior, porque tem gente que dizia que chegava a dizer “ah, você vai pro inferno”, “ah, se você não se converter”, “ah, se você não arrumar uma namorada”, “ah, se você não fizer isso ou aquilo, aquilo, blá, blá, blá, blá, blá, blá, você vai pro inferno” [...] e eu por não entender bem acabava cedendo, dizia assim. Teve uma vez [...] que eu cheguei a



chorar [...] eu cheguei a chorar e pedi pra Deus pra que ele me mudasse [...] porque [...] eu achava muito ruim aquilo, eu achava muito ruim, aquela perseguição das pessoas, aquela forma de falar, aquela, é, aqueles olhares maldosos, então uma vez eu cheguei a chorar e a orar não só uma vez, várias vezes também, (**Madressilva**, 18 anos)

2.2 O olhar do outro, meu familiar, me machuca, é um olhar que fere!

Um desígnio de dor e sofrimento muito acentuado e que nas falas percebe-se o quanto de mágoa foi causado, diz respeito ao preconceito sofrido oriundo de pessoas muito próximas, do círculo familiar. Isso fere, magoa, causa tristeza.

ela (a mãe) chegou pra mim e falou assim “Girassol, tu pode namorar qualquer mulher que tu quiser”, ela tava botando comida na cozinha, “mas eu não quero que tu namore com homem, não quero que tu tenha relacionamento com nenhum menino” [...] e ela falou isso muito do nada, e eu já tava namorando com o L [...], ele ia lá em casa de vez em quando, ela via eu saindo com ele e ela já sabia disso por alto, eu não contei pra ela (**Girassol**, 28 anos)

A violência é uma constante, eu diria. Então, acho que meu primeiro agressor foi o meu pai [...], na vida, assim, sabe? Foi o primeiro ataque homofóbico que eu sofri, e foi só uma afirmação e na época ele nem sabia de mim, me doeu muito, né? [...] e aí ele me xingou, e pela primeira vez que eu ouvi o termo “viado” pra agredir foi dele [...]. E nesse dia eu [...] também me caiu uma ficha do tipo [...] “eu me senti agredido” [...], “eu acho que sou o que ele tá dizendo que eu sou, mas eu não quero ser o papel pejorativo que ele tá me colocando” [...]. (**Magnólia**, 32 anos)

sofri preconceito bastante, tanto da minha família principalmente, sofro até hoje, sofro até hoje preconceito da minha família por parte de pai e mãe, porém a família da minha mãe não [...] eles não falam, quer dizer não na minha frente, na família o meu pai não, é tipo, são vários tios, meu próprio avô não [...] (**Madressilva**, 18 anos)
Se eu colocasse a minha mão assim [gesto] a minha mãe batia, pra eu me levantar [...], desde pequeno me chamavam de “gayzinho”, sabe? “Viadinho”. [...] eu acho



que eu deveria, eu tava no pré, eu acho que uns 5 anos, 5 ou 4 anos. E aí ela me deu uma surra, eu lembro da surra, que doeu pra caralho, eu chorei muito, e aí eu comecei a ver que eu não podia fazer aquilo, então eu comecei a evitar [...] e a mãe sempre demonstrava uma decepção muito grande de ter um filho gay. Pra ela era horrível, e [...], ela falava com nojo, com ódio, com raiva, era homofobia mesmo, ela brigava com os gays lá, pra ela o gay queria substituir uma mulher, e gay pra ela era tudo igual, não existia essa classificação, então ela era bruta mesmo [...]. (Papoula, 32, anos)

Os estudos de Sonnetti & Garcia (2020); Gerber & O'Hara (2019); Reis (2018); Louro (2018) são unânimes em afirmar o quanto a vivência do preconceito e da discriminação permeia a vida dos participantes de suas pesquisas, corroborando com o que encontramos.

Castro (2009, 2017, 2019, 2020) amparado na teoria heideggeriana revela que um dos elementos fundamentais do ser-no-mundo é a angústia. O olhar do outro, seja no movimento religioso, seja na configuração familiar, lança essas pessoas contra si mesmas, contra o que sentem, tornam-se culpadas, receosas, é angustiante sua caminhada. Como assevera esse autor, na angústia me torno estranho, nessa estranheza passo a ver a vida sob o viés da dor, da ansiedade, do sofrimento, da culpa. A angústia é, dessa forma, a tempestade do ser.

Outro elemento que advém nessas falas é o que chamamos de invisibilização. Tornar esse outro sem fala, sem direitos, sem a possibilidade de ser si mesmo. No invisibilizar, a dor e o sofrimento desse outro é algo que me incomoda e, a partir dessa ação, coloco-me incólume diante de uma situação na qual meu olhar e minha atitude o lançaram. O outro não pode ser visto, não pode emitir suas emoções e sentimentos, é impossibilidade (Castro, 2020).

3. **O enfrentamento que me permite dizer, superei:** o olhar de hoje sobre o ontem

Tomar para mim meu caminhar! Literalmente é o que podemos inferir a partir dos excertos de discursos. Cada um dos participantes traz a prerrogativa da aceitação: com



licença, sou eu, muito prazer! E esse processo ocorre de várias formas: a faculdade que motiva; o olhar-se de frente no espelho, sem justificativas; colocar-se em cheque; não ter se permitido adentrar por questões que poderiam resultar em sua autodestruição; uma relação mais estável.

eu fiz um posicionamento na minha vida que [...] me direcionou pra uma outra área da minha vida, né, e isso me deixou mais confortável pra realmente descobrir quem eu sou, quem eu era [...] Eu me lembro que fui fazer psicologia assim mesmo, me encontrei, dei “match” na faculdade, eu tive muito, muito, cada aula pra mim era como se fosse uma palestra, assim, sabe? [...] e aí foi quando eu comecei a ter terapia, comecei a autoescola, comecei a ter laboratórios, comecei [...] a me encontrar, e eu fui ficando mais à vontade pra assumir a minha bissexualidade, eu me assumi na faculdade, [...] acadêmicos de psicologia são bem desconstruídos, né? [...] (**Girassol**, 28 anos)

Mas que quando eu percebi e me olhei no espelho e entendi que aquilo era normal e que na verdade era só meus pais que não entendiam isso e eu fui, por ser criada naquele meio né, pra mim foi libertador. Foi uma verdade, foi uma verdade que caiu, assim, pra mim, quando eu aceitei pra mim pronto. É, melhorou tudo na minha vida, tudo fez sentido [...] Eu amo ser quem eu sou, eu amo ser mulher e me identifico como mulher, mas eu gosto de ficar com mulheres e com homens [...] Então ali pra mim foi meio que “cara, não preciso prestar satisfação pra ninguém, o compromisso que eu tinha já se concluiu e agora a vida é toda minha” [...] porque pra mim eu nunca precisei assumir algo, eu já era aquilo. (**Lírio**, 19 anos)

Em cheque tudo o que eu sou, o que eu acreditava ser, o que pensava que seria, é, eu não teria buscado melhoras e aí talvez muita coisa que eu precisava me trabalhar não teria sido trabalhado. Então de uma certa forma, sim, foi construtivo [...], mas não deixa de ser doloroso, né? (**Magnólia**, 32 anos)

[...], maravilhoso, porque [...] eu chegar no dia de hoje aqui contigo e olhar pra trás, tudo que aconteceu comigo, tudo que eu passei, eu só tenho uma palavra pra me descrever [...] “ser forte”, uma frase, né, “ser forte”. Eu acho que em todas as fases



da minha vida eu precisei ser forte [...]. Porque eu conheço pessoas do meio que já [...] se suicidaram [...], já morreram, se suicidara, por conta de não aguentar a pressão, não aguentar a pressão psicológica, não aguentar as pessoas falando, as pessoas te discriminando, entendeu? (**Madressilva**, 18 anos)

[...] peguei o número dele, liguei pra esse cara e a gente começou a sair junto, e foi meu primeiro namorado inclusive [...]. E aí foi ele que veio me apresentar toda essa [...] esse contexto LGBT [...]. E a gente namorou por dois anos, quando eu inteei 19 anos já não tava mais no quartel, já tava começando a trabalhar numa empresa no Distrito (**Papoula**, 32 anos)

Pesquisas de Gerber & O'Hara (2019), Richardson (2017), Blais, Goyer & Hébert (2015), Sampaio & Germano (2014) fazem referência ao que consideram um “movimento necessário”, o enfrentamento das situações de preconceito e discriminação.

Heidegger (2013) reitera que *ser-no-mundo* é um processo de contínuo vir-a-ser, ou seja, estamos sempre realizando enfrentamentos de situações desde as mais corriqueiras àquelas que nos tiram de nosso lugar pensado seguro até então. Contudo, esse autor avalia que existem duas formas relacionadas ao agir: uma é a autenticidade, momentos em que a situação é observada, refletida e daí não apenas reagimos, mas tornamo-nos autores do próprio caminhar. Essa perspectiva encontramos nos discursos relativos a estas subcategorias em que os participantes tomam para si mesmos a responsabilidade pelo existir, pelo caminhar, pela possibilidade que são enquanto seres humanos.

Se por um lado, conforme percebe-se na categoria anterior, invisibilizar esse outro é manter-me em *status quo* de conforto diante do que me causa incômodo, por outro lado, a dimensão enfrentar é tornar-se visível, mostrar sentimentos, emoções, ser si mesmo, alguém que caminha de modo seguro, sentindo-se em contato com o próprio caminhar, percebendo-se, pertencendo-se e, para além disso, um ser humano que merece respeito, independentemente a sua orientação sexual. É tornar-se si mesmo a partir do convergir o próprio olhar para si e sua historicidade (Castro, 2020).



4. **A você que está vivendo preconceito e discriminação:** meu legado!

A experiência, seja qual for, prazerosa ou não, resulta em aprendizado. Neste momento, cumprimos a que se destina o projeto: levar até pessoas que estão vivendo situação de preconceito e discriminação vislumbrarem, a partir destas histórias de vida, que existem possibilidades de enfrentamento e superação.

mas duas coisas que são básicas, pra ter calma, que tudo vai se resolver e não deixar com que as crises influenciem na vida dela, pra ela aproveitar as oportunidades, que tudo vai se resolver lá na frente, que a vida ela é um processo, e a segunda coisa é pra ela ter cuidado de não compartilhar qualquer coisa com as pessoas, porque as pessoas elas são maldosas, e ela precisa entender que nem todo mundo tá preparado pra ouvir o que ela pode falar, que ela precisa de uma ajuda psicológica [...] (**Papoula**, 28 anos)

[...], que você não é um monstro, que você não é uma aberração, né, que infelizmente não só meus pais mas [...] as pessoas, né, tem, ainda tem infelizmente tem muito isso. (**Lírio**, 19 anos)

Então, pras pessoas verem e pensarem que ser forte é o melhor caminho pra viver no mundo que a gente vive hoje em dia, enquanto tudo não for flores, como as pessoas imaginam, né, a gente tem que aprender a ser forte. E é isso, muito obrigado pra você também por ter me colocado nessa posição de ser um relator, eu tô muito feliz por isso (**Madressilva**, 18 anos)

E uma coisa que eu aprendi na vivência com essas pessoas é que não tem nenhuma experiência que a gente não consiga superar. Mas, de novo, a questão é sempre como a gente vai lidar e o que a gente vai construir a partir disso [...] Mano, paciência [...]. Tenha paciência [...], tenha paciência. Não enfrenta a tua família, não caia na besteira de enfrentar tua família, porque eu eu digo por mim mesmo, assim, e não enfrentei minha família, com dezoito dezenove anos eu já tinha uma certa independência, mas eu senti na pele como eu sinto até hoje, mas o que eu digo pra essa pes- não enfrente



a sua família. Espere você ter asas, quando você tiver voando, aí tu fala o que tu quiser, mas enquanto você tiver sobre o teto deles, respeite eles, porque eles também sentem muita dor, eles não tão preparados pra isso [...]. Então assim, ter paciência, ter paciência, ter cuidado [...], assim, viver com com, ter essas estratégias, eu não apresentaria essas estratégias que eu tive porque comigo foi mais mais duro né, mas hoje em dia tu não precisa (**Magnólia**, 32 anos)

Sonnetti & Garcia (2020), Gerber & O'Hara (2019), Reis (2018), Sampaio & Germano (2015), Blais, Goyer & Hébert (2015) ressaltam que a experiência relatada por seus colaboradores de pesquisa, enfatiza, dentre outros aspectos, o quanto poderiam ter se tornado mais fortalecidos diante das situações pelas quais passaram, se outras pessoas os tivessem alertado, tivessem trazido suas vivências até eles.

Mais uma vez, resgatamos Heidegger (2013) quando revela a necessidade de nos pensarmos, nos refletirmos enquanto seres de cuidado. Um cuidar que acolhe, que escuta e pressupõe possibilidades para esse outro. Um cuidado embasado na expressão heideggeriana ser-com-o-outro. Cuidado que vai além do zelo e do desvelo, mas que é direcionado ao desenvolvimento desse outro enquanto ser humano, *Dasein*, *Ser-Aí*.

Nesse ato de cuidar, nos antepomos ao outro, ou seja, caminhamos juntos, alertamos, mas não vivenciamos suas experiências e nem tomamos para nós o crescimento desse outro, pelo contrário, potencializamos o seu crescer, o seu desenvolver, o seu possibilitar-se.

Considerações finais

Adentrar temática tão complexa, permitiu-nos compreender a pluridimensionalidade do existir de cada um dos colabores desta pesquisa. Percebe-se, em suas lembranças, as reminiscências de situações que já os fazia compreender-se “diferentes” daqueles outros com os quais conviviam.

Entretanto, olhar para trás, possibilitou que nos trouxessem o momento em que tomaram para si, o eu-sou, quando entenderam que eram mais que “diferentes”, eram pessoas que mereciam caminhar da forma como gostariam de fazê-lo; entretanto, apesar



desse movimento, por outro lado precisaram esconder-se do olhar que o outro lançava sobre eles, precisavam negar-se a si próprios.

Mostram o quão foi forte a presença do preconceito e da discriminação em dois ambientes que os marcou profundamente, a congregação religiosa e a configuração familiar, considerado por todos como lugares em que deveriam ser acolhidos, escutados e cuidados. Contudo, isso não se deu. Lembram o sofrimento e a dor que impregnaram suas vidas a partir desse olhar distorcido e enviesado que esse outro lançara sobre eles.

Apesar do nicho de sofrimento em que foram lançados, percebem-se capazes ao enfrentamento, trazem para si mesmos a responsabilidade de lançar um olhar de generosidade para consigo mesmos e, a partir daí, enveredarem por vivenciar sua orientação sexual para além da estranheza e do mal-estar. Tomam-se a si mesmos, para si mesmos e por si mesmos.

As experiências dos colaboradores são redimensionadas para esse outro que hoje sofre situações de preconceito e discriminação. Percebe-se a preocupação de que esse outro consiga superar – sob várias fâcias – e siga adiante em seu processo de vir-a-ser.

Referências

- Acharán, J. T. O.; Sousa, D. (2014) Emoções no contexto da psicoterapia fenomenológica existencial. In: Feijoo, A. M. L. C.; Lessa, M. B. M. F. (Orgs.). **Fenomenologia e Práticas Clínicas**. Rio de Janeiro: Edições IFEN.
- Assis, C. L. (2013). "Entre tapas e beijos": representações sociais sobre a violência de gênero para adolescentes. **Psicologia e Saber Social**, 2(2), 229-242.
- Bauer, G. R. *et al.* (2015) Intervenible factors associated with suicide risk in transgender persons: a respondent driven sampling study in Ontario, Canada. **BMC Public health**, v. 15, n. 525,
- Blais, M.; Goyer, M-F.; Hébert, M. (2015) Intimidation homophobe, stratégies d'adaptation et intégration de l'orientation sexuelle. **Revista de Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 187-194, set.-dez.
- Borrillo, D. (2010). **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Autêntica, p. 25-40.



- Butler, J. (2017) **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2016) **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? - 2ª ed. - Civilização Brasileira
- Cabral, A.M. **Psicologia pós-identitária**: da resistência à crítica das matrizes cristãs da psicologia moderna - Via Verita, 2018.
- Castro, E. H. B. de (2009) **A experiência do diagnóstico**: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger. 2009.182 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2009.
- Castro, E.H.B. de (2017). **Fenomenologia e psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Appris,
- Castro, E.H.B. de (2019). **Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica** - Appris.
- Castro, E.H.B. de (2020) **Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica** – o contexto amazônico em pesquisa e clínica - Appris.
- Castro, E.H.B. de (2021) **Perspectivas em Psicologia Fenomenológica**: fazeres, saberes e possibilidades – Editora Dialética.
- Costa, A. B.; Peroni, R. O.; Bandeira, D. R.; Nardi, H. C. Homophobia or sexism? A systematic review of prejudice against nonheterosexual orientation in Brazil. **Int J Psychol.** 2013; 48 (5):900-9.
- Costa, D. M. C. Descortinando a homofobia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 20, n. 2, p. 585-587, Aug. 2012.
- D’Haesele, L.; Dewaele, A. & Van Houte, M. (2016) Homophobic Violence, Coping Styles, Visibility Management, and Mental Health: A Survey of Flemish Lesbian, Gay, and Bisexual Individuals, **Journal of Homosexuality**, 63:9, 1211-1235, DOI: <http://doi.org/10.1080/00918369.2016.1150057>
- Ferraz, T. **Movimento LGBT**: a importância da sua história e do seu dia, 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento>.



Geber, P. & O'Hara, C. (2019) Teaching Law Students about Sexual Orientation, Gender Identity and Intersex Status within Human Rights

Law: Seven Principles for Curriculum Design and Pedagogy **Journal of Legal Education**, Volume 68, Number 2.

Giorgi, A. & Souza, D. (2010) **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Fim do Século.

Herrick, A.L.; Stall, R.; Chmiel, J.S. *et al.* (2013) It Gets Better: Resolution of Internalized Homophobia Over Time and Associations with Positive Health Outcomes Among MSM. **AIDS Behav** **17**, 1423–1430 (2013). <https://doi.org/10.1007/s10461-012-0392-x>

Junqueira, R. D. (2009) **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. MEC; Secad; Unesco.

Louro, G. L. (Org.). (2018). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Autêntica Editora

Minayo, M. C. S. (Org.). (2014) **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Editora Vozes.

Pereira, D.G. & Castro, E.H.B. de (2019) Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro, E.H.B.de. (Org.) **Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica** – 1ª ed. – Appris, p.15-32.

Preciado, B. (2014) **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. N-1 edições.

Quintão, F.F. & Carvalho, M.S. da (2014) Homofobia: análise histórica do fenômeno homossexual e sua possível criminalização. **jus.com.br**.

Reis, T. (Org.). (2018) **Manual de Comunicação LGBTI+**. Aliança Nacional LGBTI/GayLatino.

Richardson, J. (2017) 'Not seen and not heard: the security dilemma of in/visibility', **Critical Studies on Security** 5(1) 117-120.

Sampaio, J. V. & Germano, I. M. P. (2014). Políticas públicas e crítica queer algumas questões sobre identidade LGBT. **Psicologia & Sociedade**, 26(2), 290-300.



- Santos, Í. F.; Machado, J. de A. & Bomfim, N. R. (2008) **Consequências biológicas, psicológicas, familiares e sócio-culturais do homossexualismo** – Appris.
- Shaughnessy, J. J.; Zechmeister, E. B.; Zechmeister, J. S. (2012) **Metodologia de Pesquisa em Psicologia**. AMGH.
- Soares, M. A. (2018) O movimento LGBT: Um panorama histórico e social das Paradas da Diversidades e a importância desse movimento nas instituições de fomentos à informação no Brasil – **Rev. Movimento**, 17-41.
- Sonetti, S. L. & Garcia, M.R.V. (2020) Ensinando a diversidade ou a transfobia? Um panorama da educação sobre diversidade sexual e de gênero nas escolas da região de Sorocaba e sua intersecção com saúde mental. **Revista Práxis**. Novo Hamburgo, a. 17, n. 1, jan./abr.
- Toledo, L. G. & Pinafi, T. (2012) A clínica psicológica e o público LGBT. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 24, n.1, p. 137 – 163
- Trzán-Ávila, A. (2020) **Identidade de gênero : performatividade, ser-aí e subversões** - 1ª ed. - IFEN.
- World Health Organization. (2018) **The 11th Revision of the International Classification of Diseases**.

Recebido: 15/11/2021 Aceito: 30/11/2021

Autores

Janderson Costa Meira

Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

Camille Façanha

Discente do Curso de Letras – Língua Japonesa da Universidade Federal do Amazonas.
E-mail: camillefacanha13@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5329-766X>



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X



UFAM

Elisabete Gonçalves da Silva

Discente do Curso de Psicologia da Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM). E-mail: elisabeteg74@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6352-1861>

Milena Cecilia Barroso Fernandes

Discente do Curso de Medicina da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: milena_mcb@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5435-2632>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>